

Instrumentos musicais e documentos musicográficos no acervo do Museu da Capela das Irmãs Dominicanas de Monteils em Uberaba-MG

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO TEMÁTICO: Acervos Musicais Brasileiros

Fernando Lacerda Simões Duarte
Pesquisador independente
lacerda.lacerda@yahoo.com.br

Resumo. Dentre as muitas ordens e congregações religiosas chegadas da Europa ao Brasil em fins do século XIX, após um período de forte oposição no Império, estão os frades dominicanos e as Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils. Os ramos masculino e feminino passaram a atuar no Brasil a partir da década de 1880, especialmente na então Diocese de Goiás. Neste trabalho, busca-se analisar os elementos que apontam para atividades musicais recolhidos ao Museu da Capela, das Irmãs Dominicanas, na cidade de Uberaba, em Minas Gerais. Questiona-se não apenas a periodização e características gerais desses itens, mas também suas possíveis relações com práticas musicais do passado e com a identidade dominicana. À luz das relações entre memória e identidade em Joël Candau, do patrimônio cultural de cariz bibliográfico, em Mouren e dos lugares de memória em Pierre Nora, os dados obtidos em pesquisa realizada *in loco* foram analisados. Os resultados apontam para grande diversidade de instrumentos, com prevalência de instrumentos de teclados, mais diretamente vinculados às práticas de música religiosa, mas também ao ensino de música, assim como atividades de ensino voltadas à banda de música e outros instrumentos. Os documentos musicográficos revelam, em sua maior parte, a atividade musical litúrgica das religiosas, mas um caderno de música manuscrito é sugestivo do estudo ou de atividades profissionais no campo da música fora do convento.

Palavras-chave. Música religiosa – Igreja Católica, Acervos musicais em Minas Gerais, Acervos de freiras, Acervos musicais musealizados, Harmônio.

Musical Instruments and Musicographic Documents in the Collection of the Chapel Museum of the Dominican Sisters of Monteils in Uberaba-MG

Abstract. Among the many religious orders and congregations that arrived in Brazil from Europe in the late 19th century, after a period of strong opposition in the Empire, were the Dominican friars and the Dominican Sisters of Our Lady of the Rosary of Monteils. Both the male and female branches began operating in Brazil in the 1880s, especially in the then Diocese of Goiás. This paper seeks to analyze the evidence pointing to musical activities collected at the Chapel Museum of the Dominican Sisters in the city of Uberaba, Minas Gerais. It questions not only the periodization and general characteristics of these items, but also their possible relationships with past musical practices and Dominican identity. In light of the relationships between memory and identity in Joël Candau, the bibliographical cultural heritage in Mouren, and the places of memory in Pierre Nora, the data obtained



from on-site research were analyzed. The results indicate a wide variety of instruments, with a prevalence of keyboard instruments, more directly related to religious music practices, but also to music education, as well as teaching activities focused on the band and other instruments. The musicographic documents reveal, for the most part, the liturgical musical activity of the nuns, but a handwritten music notebook suggests study or professional activities in the field of music outside the convent.

Keywords. Religious Music – Catholic Church, Musical Collections in Minas Gerais, Nuns' Collections, Musical Collections in Museums, Harmonium.

Introdução

O século XIX representou um período de particular dificuldade para as ordens e congregações religiosas no Brasil, assim como ocorria em Portugal e em outros territórios em que o catolicismo foi dominante ao longo de séculos. Em 1759, o Marquês de Pombal havia expulsado os jesuítas de Portugal e suas colônias, congregação que foi suprimida pelo papa Clemente XIV entre 1773 e 1814. O antijesuitismo do poder temporal não foi, contudo, isolado. Em um panorama iluminista e liberal, em certa medida, anticatólico, mas ainda num regime de Padroado vigente nas colônias, o clero religioso foi certamente o mais hostilizado, inclusive pelo fato de sua subserviência não ser direta aos bispos de cada localidade, mas aos superiores de sua ordem ou congregação.

No século seguinte, por meio de um decreto de 30 de maio de 1834, todos os institutos de vida consagrada de Portugal foram extintos em Portugal. O decreto foi redigido pelo ministro da Justiça Joaquim António de Aguiar e promulgado por Pedro IV de Portugal, o Pedro I do Brasil, então regressado à terra natal. Extintos todos os conventos, mosteiros, colégios e outros institutos em que as ordens religiosas regulares eventualmente atuassem, seus bens foram incorporados aos da Fazenda Nacional (Silva; Lencart, 2024). Do outro lado do Atlântico, a antiga colônia assumia rumos semelhantes, quando, sob o reinado de Pedro II do Brasil, os noviciados em ordens e congregações foram proibidos no país, a partir de 1855. O clero religioso, que já sofria episódios pontuais de hostilidade do poder temporal, passou a ver seus quadros diminuir ao ponto da total ausência de religiosos em alguns conventos e mosteiros, passando estes à propriedade do Estado. A segunda metade do século XIX também foi o período da prisão dos bispos do Pará e de Olinda, no contexto da *Questão Ultramontana*, resultado da tensão acentuada entre o Estado – que apoiava a Maçonaria – e a Igreja Católica.



Diferentemente de Portugal, a aproximação da República no Brasil representou uma mudança de ares para o clero regular: em lugar da proibição do centro do século XIX, abriram-se as portas do país para a reativação de casas religiosas pelas mesmas ordens que nelas se encontravam ou por congregações que passavam a aportar no país de maneira inédita. Na França, semelhantemente a Portugal, o anticlericalismo se estabeleceria com virulência na Terceira República, mais precisamente entre 1875 e 1905 (Colombo, 2018, p. 31).

Em fins do século XIX, chegavam ao Brasil várias congregações, que hoje podem consideradas muito tradicionais no país: salesianos, sacramentinos, verbitas, passionistas, servitas etc., mas também os ramos femininos das congregações, como é o caso das Filhas de Maria Auxiliadora, a contraparte dos salesianos.

Na década de 1880, a Ordem dos Pregadores passou a atuar no país, inicialmente com os frades dominicanos, em 1881, e depois, com as Irmãs Dominicanas de Monteils, em 1885, tendo na antiga província de Goiás – que logo viria a ser denominada estado, por ocasião da Proclamação da República – seu território de atuação principal. Se a presença dominicana na história do catolicismo remonta às suas origens medievais, mas também a São Tomás de Aquino, o ramo feminino de Monteils era, na verdade, uma jovem congregação, fundada na França poucos anos antes da vinda das primeiras religiosas para o Brasil, no cenário de oposição às congregações da Terceira República francesa.

Neste trabalho, busca-se apresentar e analisar vestígios materiais de atividades musicais recolhidos ao *Museu da Capela*, lugar de memória – no sentido proposto por Pierre Nora (1993) – vinculado à atuação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Santíssimo Rosário de Monteils no Brasil e, de maneira particular, na cidade onde a instituição se encontra, Uberaba, no estado de Minas Gerais. A capela se encontra junto ao Colégio Nossa Senhora da Piedade, gerido pelas religiosas dominicanas até o presente. O contato com os itens foi bastante facilitado em razão do processo de musealização, já que, para pesquisadores homens, mesmo entre ordens e congregações masculinas, o acesso à documentação já é dificultado pela necessidade de acesso aos claustros, algo que praticamente inviabilizada a pesquisa, muitas vezes, em acervos das casas religiosas femininas¹.

¹ Processos de musealização também viabilizaram o acesso deste autor aos acervos das Irmãs Ursulinas, em Ilhéus, ao Memorial da Santa Casa de Pelotas, no qual se encontram vestígios das atividades musicais litúrgicas, a cargo das Irmãs da Terceira Ordem Regular de São Francisco, e do Centro de Memória do Imperial Hospital de Caridade



O estudo tem caráter exploratório, vez que não foram localizados quaisquer estudos acerca de tal acervo museológico no campo da Música, sendo necessária uma descrição pormenorizada dos itens de interesse musical localizados. Busca-se compreender, além das características gerais do acervo e da tipologia das fontes musicais: quais práticas musicais estão representadas em tais fontes? Qual a periodização e como elas se relacionam com o período e com a identidade dominicana das religiosas responsáveis ainda hoje pela instituição? Considerando-se a estreita relação entre memória e identidade nos âmbitos individual e coletivo (Candau, 2011), mas também que estas se expressam em acervos bibliográficos e museológicos (Mouren, 2007; Duarte, 2018), ainda que a documentação de cariz musicográfico tenha limitações em termos de narratividade (Duarte, 2019), os dados obtidos na pesquisa realizada *in loco* serão analisados à luz dos referidos autores.

O trabalho foi estruturado em três partes, contemplando inicialmente um breve histórico das Dominicanas de Monteils, sua atuação no Brasil e a constituição, a fim de que os instrumentos musicais musealizados e expostos – apresentados no segundo item – e os documentos musicográficos – presentes na última seção do texto – possam ser analisados à luz da história das entidades produtora e custodiadora.

1. As religiosas de Monteils, os frades e o Museu da Capela

A Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Santíssimo Rosário de Monteils foi oficializada em 1850, passando a ser filiada à Ordem dos Pregadores – a família religiosa dos dominicanos – em 1875. O início se deu no vilarejo de Bor – comuna de Bor-et-Bar –, no distrito de Aveyron, no sul da França, tendo como fundadora a Irmã Marie Anastasie, sobrinha do vigário de Bor. A pedido dos religiosos dominicanos que passavam a se instalar no território brasileiro, algumas religiosas se dirigiram ao país para auxiliá-los na missão. A primeira localidade em que se instalaram foi a cidade de Uberaba, no Triângulo Mineiro.

A chegada das irmãs foi a mesma dos frades, quatro anos antes, o que pode parecer pouco coerente com o fato já mencionado de a atuação dos religiosos e religiosas ter se concentrado em Goiás. Há de se observar, entretanto, uma questão histórica: entre 1744 e 1816,

de Florianópolis, que custodia documentação do período de atuação das Irmãs da Divina Providência na instituição (Duarte, 2016a; 2021).



o Triângulo Mineiro pertencia à Capitania de Goyaz. Embora a anexação a Minas Gerais tenha ocorrido na segunda do século XIX, somente na última década isso se refletiu em termos de administração eclesiástica. Assim, até a criação da Diocese de Uberaba – atualmente, uma Arquidiocese –, em 1892, pelo papa Pio X, o responsável pela região era o bispo de Goiás (Arquidiocese de Uberaba, [2019]).

É relevante ressaltar que a sede do bispado de Goiás era a cidade de Goiás, antiga capital do estado. Somente em 1932, Goiás seria elevada a arquidiocese, mas em 1956, a sede da província eclesiástica do estado de Goiás passou a ser Goiânia, já criada na condição de arquidiocese, de maneira a alinhar o governo eclesiástico à transferência do poder secular para a nova capital, que foi efetivamente desenvolvida a partir da década de 1930. Não bastassem essas singularidades, há de se observar que o atual território do Tocantins também pertencia a Goiás até 1988, de modo que a presença dos frades e das religiosas de Monteils em Porto Nacional, no Tocantins, e em Conceição do Araguaia, no sul do Pará – cidade fundada pelo frade dominicano Gil Villeneuve ou “Gil de Vila Nova”, que passou a catequizar indígenas Kayapó na região a partir de 1888 –, também se relaciona à atuação em Goiás.

Por fim, outra singularidade envolvia a presença dominicana: coexistiram entre 1940 e 1956, na cidade de Goiás, duas catedrais, a Sé Arquidiocesana e a catedral da Prelazia Nullius de Santana da Ilha do Bananal, sediada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, dos frades dominicanos. O bispo prelado nomeado para a Ilha do Bananal foi dom frei Cândido Bento Maria Penso, dominicano de origem italiana (Museus Ibram Goiás, 2023). Neste complexo panorama, observa-se uma ocupação espacial muito semelhante pelos frades e pelas religiosas, considerando respectivamente as datas de instalação de suas casas religiosas: (1) Uberaba - 1881 e 1885; (2) Goiás - 1883 e 1889; (3) Conceição do Araguaia, 1888 e 1902; (4) Porto Nacional - 1889 e 1904; (5) Formosa - 1904 e 1910 (Ordem dos Pregadores, 2023; Diocese de Porto Nacional, [20--]; Diocese de Formosa-GO, 2014). Assim, Uberaba tem, na história da presença dominicana no Brasil, certo caráter de lugar de fundação e nele se encontra um lugar de memória no sentido proposto por Pierre Nora (1993), ou seja, aquele destinado a deter o esquecimento oriundo do decurso da história.

A identidade das religiosas se inscreve nas características arquitetônicas da capela, com seus tijolinhos aparentes, característica dos templos erguidos por dominicanos e



dominicanas no país (Figura 1), nos objetos musealizados, mas também na dimensão imaterial de sua presença nesse espaço de culto ainda hoje.

Figura 1 – Da esquerda para a direita: Capela das Irmãs Dominicanas de Monteils e Igreja de São Domingos, dos frades, ambas em Uberaba, e a Catedral de Porto Nacional-TO.



Fonte: Fotografias do autor.

O fato de a capela estar situada no complexo arquitetônico que abrange o Colégio Nossa Senhora da Piedade também revela um dos principais ramos de atuação das Irmãs, a educação. Embora ensino e a religião fossem o enfoque principal da congregação, sua atuação também ocorreu no âmbito da saúde, como foi o caso da Santa Casa de Porto Nacional, em que algumas religiosas atuaram como enfermeiras (Diocese de Porto Nacional, [20--]; Gonçalves, 2014, p. 47).

Em 2025, o Museu da Capela completa quatro décadas de existência, tendo sido criado por ocasião do centenário da vinda da Congregação de Monteils para o Brasil. Somente em 2000, contudo, ele passou a ocupar o espaço da capela do Colégio Nossa Senhora da Piedade. Integram seu acervo documentos e objetos tridimensionais (Colégio Nossa Senhora da Piedade, 2011).

O acervo é bastante diversificado, abrangendo objetos litúrgicos, relíquias de santos, móveis e utensílios ligados às atividades do colégio, uma grande coleção de minerais e instrumentos de trabalho da Irmã Maria do Loreto Gebrim, que cursou doutorado em Geomorfologia na Universidade de Sorbonne na década de 1950 e chegou a estudar piano e

acordeon, além de ter sido professora de música e compositora,² bem como uma expressiva quantidade de instrumentos musicais (Colégio Nossa Senhora da Piedade, 2018).

Há ainda uma pequena biblioteca junto à sacristia, na qual parte dos documentos musicográficos – que serão apresentados mais adiante – se encontravam.

2. Instrumentos musicais

Os quatro harmônios expostos na capela chamam certamente a atenção não somente do visitante, mas das próprias funcionárias que acompanharam a visita deste autor, que, uma vez se identificando como músico e pesquisador, foi convidado a tocar todos eles.

O primeiro harmônio a que se teve acesso é da manufatura de órgãos e harmônios Cottino, em Paris. Trata-se do fabricante Joseph Jean Cottino, de origem italiana, que atuou em Paris nas décadas de 1880 a 1900, sendo que, até 1885, como a Casa Boutevilin. Como sua viúva declarou falência em 1907 e a placa do harmônio indica que Cottino ganhou medalha de ouro na Exposição Universal de Paris de 1900 (Figura 2), parece razoável supor que o instrumento tenha sido produzido na primeira década do século XX (Cottino et Tailleur, [2019]). Trata-se de um instrumento de um manual, assim como todos os outros musealizados – diferentemente do harmônio que se encontra na Igreja São Domingos, dos frades, que possui dois manuais e motor elétrico. São dois os registros para cada mão, dispondo-se assim os puxadores: S - *Sourdine*; 0 - *Forte*; 2 - *Bourdon*; 1 - *Cor Anglais*; G - *Grand Jeu*; E - *Expression*; 1 - *Flute*; 2 - *Clarinette*; 0 - *Forte*; T - *Tremolo*. Não há placa de identificação que identifique a proveniência de cada instrumento junto aos mesmos. A proveniência francesa dos harmônios mais antigos revela não somente a ligação dos frades e religiosas com seu país de origem, mas também o fato de a manufatura nacional ainda não haver se consolidado no período.

Figura 2 – Harmônio Cottino e detalhe da placa do fabricante.

² A religiosa – nascida Rute Gebrim, em 1918 – iniciou seus estudos em Formosa, no Colégio São José, das Irmãs Dominicanas de Monteils, onde também iniciou os estudos de piano. A religiosa também foi autora de composições musicais, embora não tenham sido localizadas partituras de sua lavra. Em 1936, partiu para Uberaba, ingressando na vida religiosa. No Colégio Nossa Senhora da Piedade, lecionou Canto, no curso que atualmente corresponde ao Ensino Médio. Mais tarde, teria também estudado acordeon. Segundo Irmã Glycia, no funeral da Irmã Loreto, em 2015, uma semana antes do falecimento aos 97 anos, a religiosa ainda estava compondo um hino. O noviciado de Loreto foi realizado em Monteils, em 1937 e 1938. De volta ao Brasil, cursou Geografia e História na Faculdade Santa Úrsula e Teologia com os monges beneditinos do Rio de Janeiro. A religiosa também estudou enfermagem na Cruz Vermelha, tendo atuado por dois meses no hospital da cidade paulista de Torres. Foi professora universitária em diferentes instituições (Colégio Nossa Senhora da Piedade, 2018).





Fonte: Fotografias do autor.

O segundo instrumento aparentemente se trata de um "Órgão *Harmoniphrase*", de manufatura Dumont & Cie. Este seria um harmônio de qualidade, cuja sonoridade seria mais próxima do órgão e, ao mesmo tempo, economicamente viável para igrejas. Embora alguns instrumentos de Dumont tenham sido fabricados com fachadas de tubos, não é este o caso do instrumento do museu. A manufatura de instrumentos musicais foi resultado de um interessante trabalho conjunto entre um inventor, Léon Dumont, que buscou inovar na sonoridade e na construção do harmônio, e o Sr. Lelièvre – cujo prenome não foi localizado – para publicidade, vendas e o capital. Dessa parceria, surgiram também os seguintes “novos” instrumentos: o “Órgão *Médiophone*”, que inovava por suas caixas de ressonância; o “*Corifone*”, pequeno órgão de coral; e o “*Clavifone*”, pequeno instrumento para estudo. A atuação conjunta teve início em 1877 e a manufatura prosseguiu ativa mesmo após a morte de Dumont, em 1888, tendo chegado pelo menos até 1957 (Dumont-Lelièvre, [2001]). Sem um catálogo da fabricante e sem a localização de numeração do instrumento, não parece viável apontar sua datação. Os registros e recursos indicados nos puxadores são: S - *Sourdine*; 4 - *Basson*; 2 - *Bourdon*; J - *Grand Jeu*; VH - *Voix Humaine*; 2 - *Clarinette*; 4 - *Hautbois*; S - *Saxophone*.

O terceiro instrumento é de manufatura de Edmundo Bohn e foi distribuído pela Casa Manon S.A., de São Paulo. É um harmônio desmontável, o que tornava o instrumento, na medida do possível, portátil. O instrumento não tem puxadores, transpositor ou controle de expressão nos joelhos do instrumentista. Este modelo foi muitas vezes utilizado por missionários católicos em suas atividades. Embora não seja possível datá-lo com precisão, estima-se que tenha sido fabricado no centro do século XX. O quarto harmônio também não

tem puxadores, funcionando com registro único e sem mecanismo de controle de expressão, nem transpositor. Por não haver qualquer indicação, não foi possível identificar sequer sua manufatura, o que inviabiliza qualquer tentativa de datação. Os quatro harmônios se encontram em estado de conservação bastante satisfatório, tanto do móvel quanto da mecânica.

O museu abriga também dois pianos verticais, sendo um de manufatura alemã de Carl Bechstein, cujo início da manufatura foi 1853, e outro da manufatura inglesa Challen – inicialmente, de Charles H. Challen, que construiu seu primeiro piano em 1804 e depois comandada por William Challen. Ambos têm somente dois pedais e não foi possível observar se suas cordas são retas, tampouco localizar os números de série. No caso do piano Bechstein, contudo, tem-se no tampo a identificação “Fabricado para a Casa Beethoven | Chiaffarelli e Mello | S. Paulo”. Considerando-se a existência de notícias sobre a empresa pelo menos entre a primeira e a sexta décadas do século XX, torna-se difícil tentar precisar a datação do instrumento a partir de tal informação. A existência de pianos em casas e/ou instituições de ensino da congregação de Monteils também foi observada em Porto Nacional,³ além de existirem informações que dão conta que a irmã Loreto Gebrim estudou piano no Colégio São José, da cidade de Formosa, já no ano de 1928 (Colégio Nossa Senhora da Piedade, 2018).

Finalmente em relação aos instrumentos de teclado, há um órgão eletrônico Gambitt do modelo DX-250R – no qual o “R” indica a existência de ritmo eletrônico – fabricado possivelmente entre as décadas de 1980 e 1990. Na tentativa de fazer o instrumento funcionar, este não soou como se esperava. A aquisição deste tipo de instrumentos na Igreja Católica representava certamente uma tentativa de manter uma sonoridade – se não o modelo exato de acompanhamento polifônico escrito em duas claves – próprio do período que antecedeu o Concílio Vaticano II (1962-1965), ainda que no período da produção dos instrumentos da Gambitt a Igreja Católica no Brasil já buscasse, em muitos templos, maior aproximação da música popular, aderindo ao violão e a instrumentos de percussão, em um paradigma da liturgia inculturada (Duarte, 2016b).

³ O primeiro contato do autor com as religiosas de Monteils aconteceu no Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Porto Nacional, há mais de uma década. Na ocasião, observou-se a existência de um piano na instituição, mas a religiosa que recebeu o pesquisador disse não terem restado documentos musicográficos. O instrumento se encontrava em condições razoáveis de conservação. A religiosa comentou ainda da existência de uma irmã que era compositora, mas não tinha partituras com suas obras. Possivelmente se trataria da irmã, Loreto Gebrim, ainda viva à época da pesquisa.



Uma seção do museu no coro alto da capela está mais diretamente ligada às atividades do colégio. Nela, é possível localizar outros instrumentos musicais, ligados ao ensino de música: dois violinos, um trompete e uma trompa lisa – sem pistos ou chaves – que apontam para a atividade de uma fanfarra e/ou uma banda de música. Não foram recolhidos ao museu, entretanto, documentos musicográficos referentes a tais possíveis atividades. Há ainda um violão que, assim como o trompete, parece ser mais recente que a trompa lisa e os violinos.

Em uma vitrine expositora há também materiais oriundos da missão dominicana em Conceição do Araguaia-PA. Dentre os diversos itens produzidos por indígenas, há um “Chocalho de palhas diversas”. Na seção dedicada à irmã Loreto, há também um tambor cuja possível proveniência indicada foi “Origem: África? Haiti? | Procedência: São Paulo – Colégio Nossa Senhora do Rosário | Século XX | Procedente de uma das missões das Dominicanas de Monteils”.

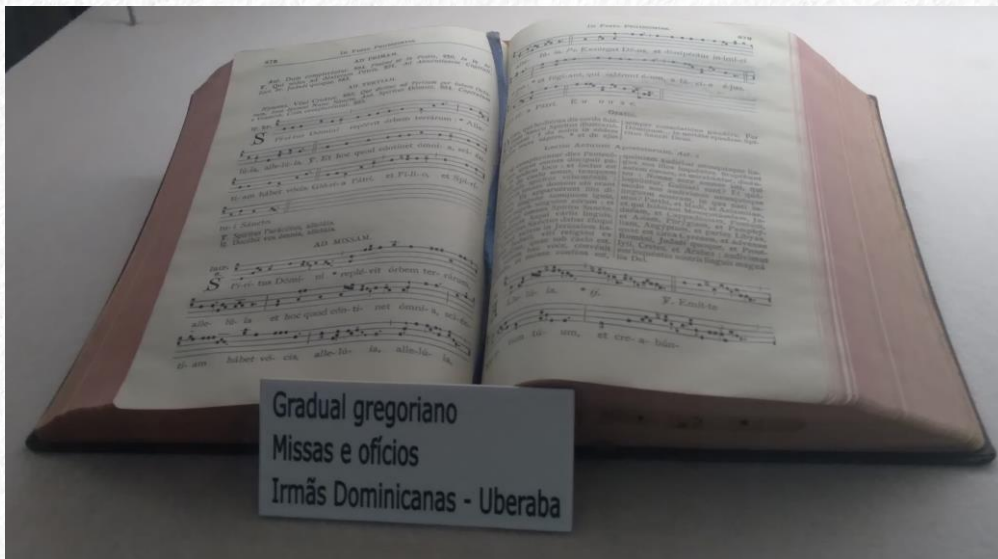
A coleção tem ainda diversos itens de reprodução mecânica ou elétrica de fonogramas, que mereceriam aprofundamento em futuros estudos: gravadores de fitas de diferentes épocas, câmeras fotográficas e filmadoras, videocassetes, um pequeno projetor de cinema, uma vitrola mecânica, dentre outros.

3. Os documentos musicográficos

O Museu da Capela tem documentos provenientes de outras cidades que não Uberaba, como é o caso de um *Missal Romano* em língua latina – conforme a etiqueta que o acompanha – oriundo de Araxá-MG, possivelmente anterior à década de 1960, mas que não foi possível abri-lo por se encontrar em um balcão vitrine trancado. Nas mesmas condições, há um Gradual certamente pré-conciliar com textos em língua latina e notação neumática (Exemplo 1). Este item juntamente com uma partitura em notação moderna exposta em um atril são os únicos que aproximam o público de algum tipo de notação musical. A partitura está em uma publicação comemorativa do jubileu da congregação: “*Jubilé des Dominicaines de Notre Dame du Très Saint Rosaire | 1850-2000 | Monteils | 3 novembre 2000*”.

Exemplo 1 – *Graduale Romanum* exposto ao público.

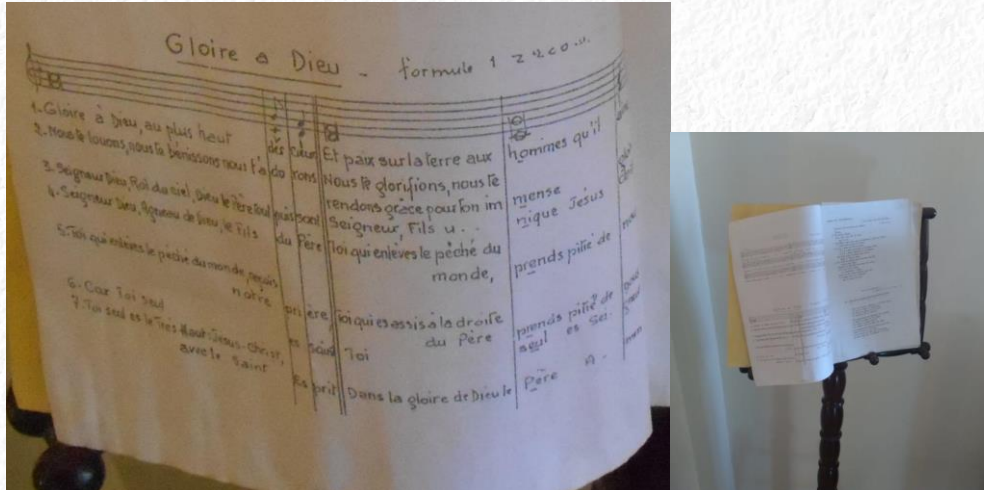




Fonte: Museu da Capela, sem número de catálogo. Fotografia do autor.

Chama a atenção o *Gloria* da missa, em língua francesa, mas escrito no estilo recitativo, a duas vozes, muito semelhante a parte do repertório pré-conciliar (Exemplo 2).

Exemplo 2 – *Glorie a Dieu* da missa pelo jubileu das Dominicanas de Nossa Senhora do Santíssimo Rosário de Monteils e detalhe da partitura exposta ao público.



Fonte: Jubilé, 2000.

Em um armário também localizado no coro alto, há alguns impressos com musicografia, dentre eles, um acompanhamento para órgão para o Ofício de Completas – rezado à noite, em horário definido conforme a tradição de cada casa religiosa – da ordem dominicana (Organum Comitans, 1954). Outro documento localizado no armário que se associa diretamente

à Ordem dos Pregadores e à Congregação de Monteils é um conjunto de fotocópias e uma cópia heliográfica contendo repertório gregoriano em língua latina para a festa de São Domingos, o fundador da ordem. Há alguns exemplares, o que revela o canto coletivo pelas religiosas (Coletânea, [19--]). Infelizmente, não foi possível localizar no acervo do Museu da Capela qualquer partitura com obras de autoria da Irmã Loreto Gebrim.

O mesmo armário guarda um caderno de música manuscrito copiado por Benedicto do Nascimento, em Uberaba, em 1926. Todas as cópias são para um único instrumento, em clave de Sol, com tessitura aguda, sendo sugestivo de flauta. Considerando que o repertório traz sambas, valsas, canções e outros gêneros característicos da *Belle Époque* no Brasil, parece improvável que fosse executado por violino, o que reforça a hipótese de se tratar de flauta. O repertório certamente destoa dos demais itens com musicografia localizados no museu. Quanto ao copista, um carimbo úmido deixa clara sua atividade: “Benedicto do Nascimento | Professor de Música” (Caderno de Música, 1926, p. 8). Assim, surge uma hipótese que demandaria uma investigação aprofundada nos registros do Colégio Nossa Senhora da Piedade, a de que Benedicto tenha sido professor da instituição, talvez ligado à atividade de banda de música ou fanfarra. Ainda no armário, foi encontrada uma encadernação em capa dura de repertório impresso para piano.

Na sacristia da capela e em um armário também localizado no museu, foram localizados diversos livros litúrgicos de uso das religiosas dominicanas, muito possivelmente com musicografia. A necessidade de as professoras que acompanhavam este autor na visita se dirigirem a uma reunião acabou por abreviar o contato com esta parte do acervo. Os títulos gravados com douramento nas lombadas revelam a estreita ligação com a *Ordo Praedicatorum* ou “O. P.”, a Ordem dos Pregadores (família religiosa dominicana): *Completorium S. O. P.* – manual contendo o repertório gregoriano para o Ofício de Completas para a Ordem, do qual se localizou a publicação do acompanhamento instrumental –, *Completorii Libellus S. O. P.*, *Graduale S. O. P.*, *Breviarium S. O. P.*, *Missale Ord. Praed.*, *Missale S. O. P.*, além do *Missel Dominicain* e do *Paroissien Romain*, ambos volumes bilíngues, em latim e francês, que remetem à origem das religiosas que imigraram para o Brasil.

Na mesma estante da sacristia, há diversas publicações de cantos pastorais em português mais recentes. Nesta categoria, há a publicação *Cantos Sacros para uso de Paróquias e Colégios*, de 1962, na qual há carimbos úmidos que indicam “Ginásio Sant’Ana | Goiás | Irmãs



Dominicanas” (Cantos Sacros, 1962, capa). A circulação do item e seu recolhimento ao museu reforça a ideia de que este “é o único órgão de preservação e divulgação da memória da Congregação” (Colégio Nossa Senhora da Piedade, 2011).

Finalmente, chama atenção a dedicatória manuscrita constante do *Cantoral Liturgico Comunitario* produzido em Palencia, na Espanha, no Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade das monjas dominicanas contemplativas: “Para a irmã Florentina, dominicana de Nossa Senhora do Rosário como recordação de sua visita a nosso Mosteiro. Um abraço de suas irmãs”⁴ (Cantoral Liturgico Comunitario, 1988, tradução nossa).

Considerações finais

O Museu da Capela das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Santíssimo Rosário de Monteils configura o que Pierre Nora (1993) denominou um lugar de memória da Congregação. Sua biblioteca e o acervo exposto em todo o espaço da capela revela uma profunda ligação com as atividades das religiosas no Brasil e, no caso da Irmã Loreto Gebrim, as atividades acadêmicas e profissionais de uma freira para além dos muros do convento. A circulação dos itens que foram recolhidos ao museu oriundos de Conceição do Araguaia e da cidade de Goiás também é um sinal deste como a principal instituição voltada à preservação da memória das religiosas de Monteils.

Os livros litúrgicos e demais impressos destinados aos ritos da congregação se associa de maneira indistinta à identidade da mesma, configurando um patrimônio cultural de natureza bibliográfica no sentido apontado por Raphaële Mouren (2007), mas também como um testemunho da relação entre memória e identidade (Candau, 2011) que se materializa nos objetos. Tal relação também se estende aos instrumentos musicais e demais itens da coleção. A origem francesa da congregação e das primeiras freiras que chegaram ao Brasil se inscreve em livros litúrgicos localizados na biblioteca, mas também na escolha dos harmônios que integram o acervo.

As práticas musicais que os documentos representam são, sobretudo, aquelas de função religiosa, pré e pós-conciliares, embora haja um caderno de música manuscrito da lavra

⁴ Original: “Para la hermana Florentina, dominica de N^{tra} S^{ra} del Rosario como recuerdo de su visita a nuestro Monasterio. Un abrazo de sus hermanas”.



de Benedicto do Nascimento e uma encadernação de repertório pianístico que parecem ligadas a outras atividades. Os itens relativos à música são, em sua grande maioria, senão na totalidade – a depender da datação dos pianos – do século XX.

Entre os instrumentos, observa-se a prevalência daqueles de teclados, mais diretamente vinculados às práticas de música religiosa, mas também ao ensino de música. Em menor quantidade, porém mais diversos, são aqueles voltados às atividades de ensino, de sopros, de cordas friccionadas e de cordas dedilhadas. Há ainda dois instrumentos de percussão que integram uma seção dedicada à atividade missionária da congregação, um de origem indígena, proveniente de Conceição do Araguaia, no Pará, e outro estrangeiro, de origem não confirmada.

Por fim, destaca-se o valor deste e de outros museus de congregações religiosas tanto para a preservação da memória destas, quanto por sua utilidade para a pesquisa em diversos campos do conhecimento, inclusive na Música.

Referências

ARQUIDIOCESE DE UBERABA. *História*. [2019]. Disponível em: <https://arquidiocesedeuberaba.com.br/pagina/historia>. Acesso em: 15 mai. 2025.

CADERNO DE MÚSICA: Supita | Maxixe..., instrumento em clave de Sol. Museu da Capela, não catalogado. Uberaba: cópia de Benedicto do Nascimento. Partitura manuscrita. 50 f.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011. 219 p.

CANTOS SACROS para uso de Paróquias e Colégios. s.l.: s.n., 1962. Partitura. 65 p.

CANTORAL LITURGICO COMUNITARIO, canto em uma clave. Palencia: Monasterio de Ntra. Sra. de la Piedad, 1988. Partitura. 30 p.



COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE. *Por dentro do “Museu da Capela”*. 24 mai. 2011. Disponível em: <https://cnsd.com.br/blog/por-dentro-do-museu-da-capela/>. Acesso em 10 mai. 2025.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DA PIEDADE. *Relembrando Irmã Loreto*. 29 mai. 2018. Disponível em: <https://cnsd.com.br/blog/relembrando-irma-loreto/>. Acesso em 10 mai. 2025.

COLETÂNEA de cantochão para festividade de São Domingos; notação neumática sem acompanhamento instrumental. Museu da Capela, não catalogado. [Uberaba?]: fotocópias e cópia heliográfica, [19--]. Partitura. 5 f.

COLOMBO, Maria Alzira da Cruz. *Do exílio à Missão: congregações religiosas femininas francesas no Brasil – século XIX*. São Paulo, 2018. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/21341>. Acesso em: 10 mar. 2025.

COTTINO ET TAILLEUR. *Wiki Harmonium*. [2019]. Disponível em: https://harmonium.fandom.com/fr/wiki/Cottino_et_Tailleur. Acesso em: 12 mar. 2025.

DIOCESE DE FORMOSA-GO. *Relato histórico*. 1 jan. 2014. Disponível em: <https://diocesedeformosa.com.br/diocese/relato-historico/>. Acesso em 12 mar. 2025.

DIOCESE DE PORTO NACIONAL. *Irmãs Dominicanas do Rosário de Monteils*. [20--]. Disponível em: <https://dioceseportonacional.org.br/52695-2/>. Acesso em 12 mar. 2025.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. Acervos musicais de religiosas germanófonas recolhidos a duas instituições hospitalares na região Sul do Brasil. In: NEUMANN, Rosane Marcia *et al.* (org.). *Migração, territorialidades e ambientes*. São Leopoldo: Oikos, 2021. p. 195-208.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. A história das práticas musicais e os estudos Musicologia histórica: saberes e diálogos interdisciplinares na pesquisa arquivística da música no Brasil. In: CONGRESSO DA ANPPOM, 29., 2019, Pelotas. *Anais...* Pelotas: ANPPOM, 2019. p. 1-9. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v29/>. Acesso em 6 set. 2025.



DUARTE, Fernando Lacerda Simões. O acervo musical do Instituto Nossa Senhora da Piedade de Ilhéus: memórias da prática musical de função religiosa anterior ao Concílio Vaticano II. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, 8., 2016, Araguaína. *Anais...* São Paulo: ANPUH, 2016a. p. 1-13. Disponível em: <https://gthistoriacultural.com.br/VIIIsimposio/anaistc.php?menu=4>. Acesso em 6 set. 2025.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. Princípios arquivísticos, características dos documentos de arquivo e as particularidades dos acervos musicais: (des)caminhos do estudo das práticas musicais a partir de documentos musicográficos observados em arquivos e coleções da região amazônica. In: ENCONTRO INTERNACIONAL, 1.; ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, 18., 2018, Niterói. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPUH-RIO, 2018. p. 1-11. Disponível em: https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=438. Acesso em 6 set. 2025.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. *Resgates e abandonos do passado na prática musical litúrgica católica no Brasil entre os pontificados de Pio X e Bento XVI (1903-2013)*. São Paulo, 2016. 495f. Tese (Doutorado em Música). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2016b. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/5449ceb8-53c1-40e4-b7d3-d2a4c1d07d5a>. Acesso em: 6 set. 2025.

DUMONT-LELIÈVRE. *Wiki Harmonium*. [2001]. Disponível em: <https://harmonium.fandom.com/fr/wiki/Dumont-Leli%C3%A8vre>. Acesso em: 12 mar. 2025.

GONÇALVES, Ana Maria. Educação católica em Goiás: as Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Santíssimo Rosário de Monteils. *Poíesis Pedagógica*, Catalão, v.12, n.2, p. 45-60, 2014.

JUBILÉ des Dominicaines de Notre Dame du Très Saint Rosaire | 1850-2000; duas, três e quatro vozes. Monteils: s.n., 2000. Partitura. 10 p.

MOUREN, Raphaële. *Manuel du Patrimoine en Bibliothèque*. Paris: Electre – Éditions du Cercle de la Libraire, 2007. 416 p.

MUSEUS IBRAM GOIÁS. *Dom Cândido Penso | Exposição Fotográfica*: Inaugurou-se no dia 20 de Setembro, no museu de Arte Sacra da Boa Morte, a exposição do acervo fotográfico de Dom Cândido Penso. A exposição segue aberta à visitação até o dia 15 de Outubro. 28 set. 2023. Disponível em: https://museusibramgoias.museus.gov.br/__trashed/. Acesso em: 15 mai. 2025.



NORA, Pierre. Entre a Memória e a História: a Problemática dos Lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/0>. Acesso em 10 jan. 2019.

ORDEM DOS PREGADORES - Província Frei Bartolomeu de Las Casas. *Comunidades*. [2023]. Disponível em: <https://www.dominicanos.org.br/comunidades>. Acesso em 12 mar. 2025.

ORGANUM COMITANS ad Completorium Sacri Ordinis Praedicatorum. Prouille: Editerunt Moniales Monasterii Pruliani, 1954. Partitura.

SILVA, Maria João Oliveira e; LENCART, Joana. Os inventários de extinção dos conventos em 1834: uma tentativa de reconstituição de dois cartórios de instituições religiosas de cariz beneditino – Rendufe e Tomar. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, Coimbra, v. 37, n. 1, p. 157-174, 2024. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/160174>. Acesso em 10 jul. 2025.

